

Apostolado Sociedade Católica

CARTAS SOBRE FÉ

PE. EMMANUEL-ANDRÉ



Cartas Sobre a Fé

LIVRO DE PE. EMMANUEL-ANDRÉ

INTRODUÇÃO

Em nosso século (XIX), falou-se e fala-se muito de «instrução» e mesmo de «instrução pública», assim como de «instrução obrigatória».

Mas há um ponto essencial sobre o qual o mais freqüente é não ter ele merecido mais do que uma atenção superficial. Não se indaga, antes de tudo, **a quem** se teria de ensinar.

Isso no entanto valeria a pena, pois geralmente, senão universalmente, as pessoas a quem devemos ensinar são pessoas batizadas.

Pessoas batizadas! O que quer isto dizer? Quer dizer que uma criança batizada, tendo recebido de Deus na ocasião de seu batismo graças que modificaram poderosamente as condições de sua inteligência, é preciso ter este fato em consideração quando se deseja falar a essa inteligência assim modificada. Deus tendo pelo batismo incutido na alma da criança o «hábito» da fé, daí decorre infalivelmente esta alma ter uma inclinação muito forte para as verdades da fé e uma necessidade premente de recebê-las para assimilá-las, nutrir-se delas e passar, na fé, do hábito ao ato.

E esta deve ser a regra invariável da instrução, seja na família, seja nas escolas, não importa quão superiores ou famosas elas sejam.

O cristão é sempre cristão, o batizado sempre um batizado; e sempre um filho de Deus aspira conhecer seu Pai que está nos Céus.

Se antes de tudo entregarem à criança o alimento que ela reclama, verão sua inteligência, se bem que ainda em plena aurora, regozijar-se com uma alegria maravilhosa e logo depois desenvolver-se e desabrochar. Pois se o homem terrestre vive de pão, o homem inteligente e cristão vive da verdade.

Se, ao contrário, pouco se preocupando com as várias necessidades da criança, não tiverem para entregá-lhe senão frias nomenclaturas ou definições gramaticais, que ela não compreenderá senão dez anos mais tarde, ou talvez nunca, acontecerá infalivelmente isto: enganada no que almeja, frustrada em suas aspirações mais legítimas e mais santas, a inteligência da criança se entorpecerá, se estiolará; e, acometida de uma espécie de tísica *sui generis*, ela forçará os senhores professores das escolas primárias a constatar que o nível intelectual vai sempre baixando. Isso é notório, infelizmente. Pode-se saber ler e escrever. Mas não se sabe nem pensar o que se escreve, nem julgar o que se lê. Verdadeira carência intelectual.

Mães cristãs, querem evitar semelhantes desgraças a seus filhos queridos? Trabalhem para consegui-lo. Nós lhes ajudaremos. De início diremos que há três maneiras ou métodos de ensinar religião:

- O primeiro seria o método que iria de sua memória à memória de seu filho;
- O segundo que se originaria de sua inteligência indo à inteligência dele;
- O terceiro, enfim, de sua fé à fé dele.

O primeiro método reina em muitas escolas, o segundo igualmente; o terceiro é hoje o privilégio quase exclusivo, e grande honra, das mães cristãs.

O método que nós chamamos «da memória» é um método fácil. Hoje se deseja que tudo seja fácil; mas sem dúvida este é o método necessário para a instrução do animal. Há animais ensinados. Aplicado ao cristão, este método é consideravelmente depreciativo para sua alma. Para o cristão, o espírito é o ponto importante da alma, é a sua cidadela interior. É onde deve reinar a verdade: agora pela fé, no Céu pela visão de Deus. É, portanto, ao espírito da criança que é preciso visar. Se se dirigirem só à sua memória; se ensinarem à criança o Catecismo como ensinam a Gramática; se fizerem recitar a História Sagrada igual a Geografia, podem não ter feito mais do que constatar se sua memória reteve fielmente o que leu no livro. Terão praticado grande dano a seu espírito que, não recebendo o alimento e o estímulo que lhe são indispensáveis, se abaterá e cairá de inanição.

O segundo método é muito superior ao precedente, ao menos vai de inteligência a inteligência. Uma pessoa que sabe, dirige-se à criança para ensinar-lhe. Este segundo método força a inteligência da criança a trabalhar e a habitua a raciocinar e lhe faz sentir o poder de uma demonstração. Com tudo isso, porém, este método não poderá fazer senão pessoas instruídas, pois não atende a todas as necessidades de um batizado. Se à força de querer ensinar ciência ao aluno esquecerem as aspirações de sua alma cristã; se não trabalharem para vivificar a fé de seu batismo, os tesouros depositados na alma pelo Batismo, pela Confirmação, pela Eucaristia irão se consumindo e um dia, finalmente, o homem que foi instruído por vocês deixará de crer. Não se diz que muitos homens perderam a fé estudando, e até estudando teologia? Portanto, embora este método possa produzir eruditos, é insuficiente, pois não forma crentes. Se o primeiro método prejudica a inteligência, o segundo prejudica a fé.

Precisam então, ó mães cristãs, sem negligenciar a memória, sem negligenciar todos os recursos de suas inteligências e da de seus filhos, precisam de um método mais poderoso, mais seguro, mais adaptado ao fim a que se propõem. Será o método que vai direto, já dissemos, da sua fé à fé de seu filho. Sua inteligência de batizado reclama algo que todos os livros do mundo não lhe poderiam dar. «A letra mata», diz São Paulo, em sua linguagem divinamente enérgica. A esta querida alma batizada é preciso fazer compreender aquilo que o mesmo São Paulo chama de «*verbum fidei*», a palavra da fé. Um hebraísmo, é

verdade, mas que em português quer dizer: A fé falada. A fé falada! Sim, eis aí, mãe cristã, o leite espiritual que seu filho pede. Dê-lhe, seja mãe por inteiro e não babá. A criança pede em primeiro lugar a palavra e não o livro, o livro virá a seu tempo. Mas se crerem, ó mães, falem de sua fé aos seus filhos; eles são batizados e portanto aptos a lhes escutar; eles acreditarão, pela graça de seu batismo e sua alma dirá: «Tenho meu pão, eu vivo».

PRIMEIRA CARTA

A NATUREZA DA FÉ

A senhora leu com muita atenção certo *post scriptum* do nosso catecismo e pede-me para escrever-lhe uma carta respondendo a uma pergunta: «**o que é, pois, a Fé?**»

A pergunta é curta, a resposta será longa. Vou lhe escrever uma carta, duas cartas, três cartas e talvez até mais.

Sem mais demora, entro no assunto.

A senhora tem filhos amáveis e amados que Deus lhe deu; e é por causa deles que me pergunta: o que é a Fé? Responderei; e precisamente por eles encontrarei um meio fácil de dizer o que é a Fé.

Note bem: a senhora conhece seus filhos, e sabe que eles são seu filhos, mas a posição deles em relação à senhora não é exatamente a mesma. Pois, se é verdade que eles a conhecem, é preciso convir que eles não têm outro remédio senão acreditar que a senhora é mãe deles. Digo que eles têm de acreditar porque nunca terão a prova *de visu* deste fato. Foi a senhora quem lhes disse e no que ouviram, **creram**: eles o receberam com uma confiança perfeita, quase se poderia dizer, cega; pois se uma outra mulher tivesse cuidado deles como a senhora cuidou, e lhes tivesse testemunhado alguma afeição, eles a chamariam mamãe, levados por um impulso natural.

Veja por esse exemplo como crer é natural ao homem, pois ele tem necessidade de crer, primeiramente em seu pai e sua mãe. Nunca sobre esse ponto o homem pode chegar a uma demonstração, ele deve crer. Isto faz parte da ordem natural, e ele crê. É por isto que o homem chama seu pai de pai e sua mãe de mãe.

Assim, os primeiros conhecimentos do homem são conhecimentos não demonstrados mas aceitos com inteira segurança, confiados na palavra do pai e da mãe. A criança viverá muito tempo neste estado, em perfeita segurança, sob a autoridade de seus pais. Diz Santo Agostinho: «*É da ordem natural que a autoridade preceda a razão*». E adiante: «*A autoridade exige a Fé e prepara o homem para a razão*». Quando, mais tarde, a razão da criança estiver formada, ela poderá se basear nela; mas antes disso, é indispensável que o homem **creia**; é um bem que lhe é necessário, que Deus lhe preparou em sua paternal solicitude, e que o homem recebe sem a menor dificuldade. Ouçamos ainda Santo Agostinho: «*Uma coisa é*

acreditarmos confiados na autoridade, outra na razão. Crer pela autoridade é muito vantajoso e não dá trabalho».

Vê-se assim como a criança está sob a tutela de seus pais. Ela crê naquilo que seus pais sabem; crê, sem demonstração, naquilo de que seus pais têm a demonstração e a evidência. Santo Agostinho diz que é assim na ordem natural, e protegida por esta ordem natural a criança se sente bem e efetivamente está bem. Podemos, pois, dizer agora que, assim como a criança está sob a tutela de seus pais na terra, o cristão está sob a tutela de seu Pai que está no Céu crendo na palavra de Deus como ele crê na palavra de seu pai, e tendo Fé em Deus como tem fé em seu pai. E a senhora poderá então compreender sem dificuldade o que é a Fé.

□

Chego ao fim a que me propus. A senhora fala a seu filho, ele ouve, ele crê; é a **fé humana** correspondendo à autoridade humana natural que Deus lhe deu sobre seu filho.

E como o pai na Terra tem autoridade para ensinar a seu filho e pode exigir dele a docilidade, quer dizer a fé, Deus, o Pai dos seres espirituais como diz São Paulo, tem também autoridade para falar às almas, e para exigir delas a fé.

O pai sabe uma porção de coisas que o filho não sabe e que o filho deve crer. Deus sabe também muitas coisas que o homem não sabe, e que deve crer porque Deus disse, quando deu ao homem a honra de lhe falar.

Veja a semelhança. Ela é perfeita e no entanto é preciso notar uma diferença considerável que a senhora verá sem dificuldade. A senhora fala a seu filho, ele acredita no que a senhora diz, é natural. A criança encontra em sua própria natureza tudo que é necessário para crer. A fé que sua palavra exige dele não o eleva acima de sua natureza. Mas quando Deus, o Pai dos seres espirituais, fala à sua criatura, como seu desígnio é eleva-la acima de si mesma e de fazê-la participar, não mais de uma simples verdade natural, e sim de uma verdade de natureza divina, portanto superior à natureza humana, em outros termos, sobrenatural, o homem não encontra mais em sua natureza capacidade suficiente para receber um ensinamento que o excede e que vença a distância de Deus ao homem. Então, se Deus quer que acreditem em sua palavra, é absolutamente necessário que eleve até Ele mesmo, quer dizer sobrenaturalmente, a faculdade natural que o homem tem de crer. E quando Deus concede este benefício ao homem, dizemos que Ele lhe deu a graça da Fé. A senhora compreende agora, porque está dito no princípio do Catecismo que a **Fé é um dom de Deus**.

Eu creio!

SEGUNDA CARTA

COMO SE ADQUIRE A FÉ

Dissemos que a Fé é um dom de Deus. Vamos examinar como este dom tão precioso chega até nós. Para começar, notemos que este dom, sendo sobrenatural, é sempre inteiramente gratuito. Não podemos merecê-lo e nenhum homem pode merecê-lo por nós. Se ele nos vem é unicamente pelos méritos de Nosso Senhor e por pura misericórdia de Deus.

Mas como a Fé chega até nós? Para nós, que fomos batizados criancinhas, o dom da Fé nos chega no meio deste magnífico cortejo de graças que se chama Batismo. Neste momento Deus, adotando-nos como filhos, derrama em nossa alma o dom da Fé; quer dizer que ele dispõe interiormente as potências da alma, nossa inteligência e nossa vontade do modo necessário para que esta alma produza facilmente, alegremente o ato de Fé. E mais tarde, já dispondo do uso da razão, o espírito da criança poderá receber a verdade revelada, dela se alimentar e corresponder, pelo ato de Fé: Creio em Deus Pai, etc.

Assim, a criancinha batizada trás em sua alma o gosto pela verdade revelada, a inclinação para esta verdade, a necessidade desta verdade. Desta disposição, deste hábito sobrenatural a senhora fará uma justa idéia comparando-o à disposição, à inclinação natural que tem a criancinha pelo peito de sua mãe. Ela precisa dele, ela o reclama: se o encontra, está bem, se lhe é recusado será sua morte.

Do mesmo modo a criança batizada, em virtude de seu batismo, tem fome e sede de ensino cristão; ela quer seu leite, aquele do qual fala o intróito *Quasimodo*. É aí que está a sua vida, pois o justo vive da fé, diz a Escritura. Com instrução cristã, a criança batizada está praticando atos de fé, a fé que recebeu no seu batismo e que, pondo em prática, desenvolve; toma conhecimento de Deus seu Pai, da Igreja sua Mãe, dos santos do Paraíso que são seus pais e irmãos; exatamente como na ordem natural a criança que a senhora alimenta, sorri primeiro para sua mãe, depois para seu pai, depois para seus irmãos e depois toma conhecimento do mundo exterior e torna-se homem. Por um caminho análogo, porém superior já que sobrenatural, a criança batizada cresce como filho de Deus e de sua Igreja, e torna-se um membro vivo de Jesus Cristo sobre a terra, para ser mais tarde co-herdeiro de seus bens no Céu.

Assim veja, nós que fomos batizados criancinhas, recebemos primeiramente no Batismo a disposição de crer; depois, quando já tínhamos algum raciocínio nos deram a conhecer as verdades da Fé e começamos a praticar o ato de Fé. Deste modo recebemos primeiramente a Fé habitual, em seguida a Fé atual, quer dizer, a Fé que é exercida.

Foi segundo esta economia divina que Deus nos deu a Fé. E a fim de que possa perceber melhor a natureza deste dom, direi como ele chega por um caminho diferente até os adultos que receberam o batismo depois de terem o uso da razão. Preste atenção, porque assim receberá alguma luz sobre o dom da Fé.

Vejamos pois, a obra de um missionário entre os chineses ou os índios da América. Ele fala, não é ouvido. Fala outra vez, não é ouvido. Ah! aqueles que o escutam não são batizados, são surdos. O padre não diz, tocando-lhes as orelhas: Ephpheta! Abri-vos! como ele disse no nosso Batismo. No entanto, o homem de Deus não desanima; reza, pede a Deus a graça da Fé para seus pobres infelizes, fala de novo. Duas ou três pobres almas parecem escutar com atenção; ele percebe, vai até elas, elas vêm a ele. Deus lhes deu um bom impulso para a Fé. Ah! como é precioso esse impulso; será a salvação dessas almas se forem fiéis; se porem deixarem de lado esta graça, de cujo valor nem desconfiam, será a perdição eterna. Mas elas ouvem com uma atenção incomparável e vão gostando dos ensinamentos que lhes são dados pouco a pouco. Se lhes fosse dada uma luz muito grande, elas recuariam apavoradas; o padre mede os termos, proporciona a alimentação à fraqueza do doente; reza e com a ajuda de Deus, o infiel recebe algumas verdades da Fé; faz um ato de adesão a estas verdades que já conhece; e a medida que faz estes atos cresce nele a disposição de crer. Enfim o infiel está pronto para receber toda a verdade, ele pede a Deus o dom da Fé. Chega o dia do batismo, e Deus lhe dá a graça habitual da Fé pela qual já havia feito alguns atos antes do batismo.

Vejamos então, como custa ao dom da Fé entrar na alma de um adulto. Além das dificuldades criadas pelo pecado original, ainda há resultantes dos pecados pessoais, dos preconceitos da nação, da família, etc. etc. Mas nenhuma destas dificuldades existe com as criancinhas batizadas. A criança recebe a graça do alto antes de ter tocado neste mundo daqui de baixo; e assim nunca poderemos agradecer suficientemente a Deus a graça de termos sido batizados ainda criancinhas.

TERCEIRA CARTA

COMO A FÉ É UM DOM DE DEUS

A Fé é um dom de Deus. Hoje gostaria de fazer com que a senhora compreendesse ainda melhor a natureza íntima deste dom precioso.

Adão o teria recebido de Deus e nos teria transmitido, se ele não tivesse pecado; mas tendo acreditado em Eva e, por Eva, em Satã mais do que em Deus, perdeu a Fé que Deus lhe havia dado, perdendo-a para ele e para nós (Adão pôde conservar o hábitus da Fé; mas perdeu a Fé enquanto virtude informada pela Caridade; e este hábitus não era transmissível à sua descendência, pois era uma disposição pessoal de sua alma). Por sua vez, quando o filho de Adão entra neste mundo já não tem mais Fé e só pode recuperá-la se esta for dada pelo próprio Deus.

A Igreja reza para pedir a Deus a Fé para os infiéis e o aumento de Fé para os fiéis, de modo que o começo, o aumento e a conservação da Fé nas almas, são pura e simplesmente um dom que Deus nos dá pelos méritos de nosso único Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Mas chego agora ao ponto que tinha prometido abordar hoje: a natureza íntima deste dom.

A Fé é um ato em parte da inteligência que crê, e em parte da vontade que quer crer. Ao perguntarem se a Fé é um dom de Deus do lado da inteligência que crê ou do lado da vontade que quer crer, é preciso responder que há um dom de Deus na inteligência e um dom na vontade.

Pois para o que concerne à inteligência é preciso notar duas coisas: primeiramente as verdades em que devemos crer estão tão acima do espírito humano, que este nunca poderia atingi-las naturalmente. Assim, o adorável mistério da Santíssima Trindade, as profundezas da sabedoria de Deus na Encarnação de Nosso Senhor, a Redenção e a salvação dos homens, sem o dom da Fé, seriam para sempre tesouros escondidos às inteligências humanas. Em segundo lugar, além do ministério da Igreja ensinando essas sublimes verdades, é necessário ainda para que nós creiamos, uma graça interior que clareie nossa inteligência e a faça receber com docilidade a palavra da Fé, a Fé falada, como dissemos antes.

Com efeito, por assim dizer, o espírito humano imaginaria ter motivos para ver na pregação evangélica uma tolice, se não fosse animado por uma sabedoria superior, como nos diz São Paulo nos capítulos I e II da sua primeira Epístola aos Coríntios.

Do ponto de vista da vontade, a Fé, ainda uma vez, é um dom de Deus. Pois, para que a vontade humana se submeta humildemente, docilmente e alegremente à verdade divina e leve a inteligência a dar seu pleno consentimento a esta mesma verdade, esta vontade tão frágil precisa de um socorro divino que a arrebate à sua própria fraqueza, e a ponha em conformidade com a vontade de Deus.

Faço questão de confirmar estas sérias doutrinas, pelas próprias orações da Igreja. Escolhi para esse fim as orações da Sexta-feira Santa, que são cantadas depois da Paixão.

O padre proclama: «Oremos caríssimos irmãos pela Santa Igreja de Deus». Depois reza:

«Deus eterno e onipotente que em Jesus Cristo haveis revelado a vossa glória às nações, conservai a obra da vossa misericórdia, para que a vossa Igreja espalhada por todo o mundo persevere com fé constante na confissão do vosso nome. Pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor».

A senhora já se associou de coração a esta prece para pedir a Deus que a Igreja persevere na Fé?

Mais adiante, o padre proclama ainda:

«Oremos também pelos nossos catecúmenos, para que Deus Nosso Senhor lhes abra os ouvidos do coração e a porta da misericórdia!».

Quer dizer: os disponham para ouvir, para querer crer e lhes dê em seguida, por sua misericórdia, o dom da Fé.

Depois ele reza:

«Deus eterno e onipotente, que sem cessar fecundais a vossa Igreja pelo nascimento de novos filhos, dai mais Fé e inteligência aos nossos catecúmenos, para que renascidos na fonte do batismo, sejam contados no número de vossos filhos adotivos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo».

O padre proclama outra vez: «Oremos também pelos heréticos e pelos cismáticos».

Depois ele reza:

«Deus eterno e onipotente que a todos salvais e não quereis que pereça ninguém, olhai com misericórdia para as almas que andam envolvidas nas redes do demônio, para que os corações extraviados, abjurando a perversidade da heresia, entrem no caminho reto e voltem à luz da verdade. Por Nosso Senhor Jesus Cristo». [A versão em português das orações da Sexta-feira Santa foram tiradas do Missal Quotidiano e Vespéral de Dom Gaspar Lefebvre O.S.B., Desclée de Brouwer & Cia. - Bruges Bélgica 1951].

Ele reza também pelos pérfidos judeus [per-fides= os que se transviaram da fé] e pelos infelizes pagãos, e para todos esses ele implora o dom da Fé.

Penetre, peço-lhe, no espírito dessas orações as mais santas, as mais antigas, as mais suplicantes que pertencem à Igreja; e então, compreendendo melhor do que nunca como a Fé é um dom de Deus, a senhora dirá bem o seu Credo.

QUARTA CARTA

A FÉ PODE AUMENTAR OU SE PERDER

Como Aumenta – Como se Perde

A Fé pode aumentar, a Fé pode diminuir e se perder. A Fé, consistindo essencialmente na adesão de nosso espírito à verdade revelada, aumenta ou diminui segundo seja a adesão mais ou menos firme.

Ora, sendo a alma humana ativa por natureza, é indispensável que sua Fé aumente ou diminua. Ela aumenta se a alma avança no conhecimento do Pai e do Filho e do Espírito Santo, se a alma penetra melhor nas verdades do Credo, em uma palavra, se a alma progride no caminho da verdade.

Mas como a Fé requer, juntamente com assentimento do espírito, o movimento de piedade da vontade que quer crer, evidentemente a Fé também pode e deve crescer pelo caminho da vontade que se submete cada vez mais docilmente, cada vez mais amorosamente à verdade divina. Assim, duas coisas ajudarão singularmente a Fé em seu progresso, a saber: a instrução e a piedade. A instrução, o cristão a encontrará na pregação, no Catecismo, nas leituras santas; a piedade consistirá sobretudo na fidelidade às promessas do batismo; o cristão ajudado pela oração e pelos sacramentos, crescerá na Fé.

Todo cristão que quer crescer na Fé, deve vigiar com redobrada atenção contra tudo que for capaz de enfraquecer a Fé. Ele deve tomar cuidado para não se deixar levar pelas máximas deste mundo, pois o mundo, enquanto mundo, só se ocupa das coisas sensíveis; a Fé, ao contrário, nos mostra o preço inestimável das coisas invisíveis. O mundo só vê o presente; a Fé, que nos esclarece tanto sobre o passado quanto sobre o presente, nos faz velar principalmente sobre o futuro. O mundo está todo voltado para os gozos da terra; a Fé nos ensina que este é o tempo das privações e das penitências e nos mostra que Deus é o único bem verdadeiro em que podemos repousar nossas almas e esperar os verdadeiros gozos.

É preciso pois velar para permanecer fiel, quer dizer, crente. E quem assim velar, verá infalivelmente crescer em sua alma as luzes tão doces, tão serenas da verdade eterna; e quanto mais entrar nesta luz, mais ele provará o quanto o Senhor é doce, o quanto é precioso e inestimável o dom da Fé. Ao contrário, toda alma que não velar, que se deixar embalar pelas promessas insignificantes de um mundo que nada tem, que nada sabe, que nada pode, toda alma que não velar, verá sua Fé diminuir para em seguida se perder completamente.



Se tivéssemos olhos para ver o lamentável espetáculo das almas que perdem a Fé, não teríamos lágrimas que chegassem para chorar tão grande infelicidade.

Alguns perdem a Fé logo depois do batismo; esses não receberam a instrução cristã necessária, e suas almas nunca fizeram o ato de Fé. Privado de seu ato, o hábitus posto em suas almas no dia do batismo foi facilmente reduzido a nada. É muito raro que as almas que perderam a Fé nestas condições a tornem a encontrar. Elas tornam-se estranhas a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo e vivem apenas uma vida terrestre, triste prelúdio de uma morte eterna.

Outros perdem a Fé pouco depois da primeira comunhão. Esses entram em um mundo descrente do qual não desconfiam, e imaginam que eles é que foram ingênuos por terem acreditado um pouco. Se chega o pecado mortal, coisa fácil de acontecer, será fácil também perder a Fé e fechar os olhos à pura luz que os havia tomado tão felizes no dia de sua primeira comunhão.

Ainda outros perdem a Fé nas escolas. Tanto escolas primárias como escolas superiores, fazem freqüentemente os batizados perderem a Fé. Aí não se ensina a conhecer o único e verdadeiro Deus, a saber o Pai e o Filho e o Espírito Santo; as escolas primárias têm como principal objetivo a formação do plural e do sistema métrico; às superiores só interessa o diploma de bacharel e de doutor. Sem falar daquelas onde se ensina consciente e propositadamente a impiedade, o indiferentismo ou mesmo o ateísmo.

Finalmente, há os que perdem a Fé pelos interesses materiais. Preocupados demais com os negócios, entregues inteiramente a especulações financeiras, esquecem seu batismo, negligenciam o cuidado com sua alma, não vivem mais da Fé, não velam mais para que sua Fé seja alimentada e perdem-na, talvez mesmo sem sentir.

Ó Deus, Deus meu, vós que por vossa graça nos haveis dado a Fé, por esta mesma graça conservai-nos na Fé!

QUINTA CARTA

A FÉ NÃO É SUBSTITUÍDA PELO SENTIMENTO

Atacada por todos os lados, hoje a Fé tornou-se rara nas almas. À medida que os tempos avançam, caminhamos para a realização das palavras de Nosso Senhor: «*Quando o Filho do homem voltar, crês que Ele encontrará Fé sobre a Terra?*». (Lc. 18,8).



Repare que as almas que vemos já não ter Fé, tiveram-na ao menos no batismo. Estas almas estão em um estado bem diferente dos infiéis que nunca tiveram Fé. A Fé é um bem tão grande que uma vez entrando numa alma fica sempre alguma coisa.

São Francisco de Sales disse, a respeito da caridade: *«A caridade tendo sido separada da alma pelo pecado deixa, muitas vezes, alguma coisa que parece com a caridade, que pode iludir e nos entreter em vão»*.

Esta aparência de Fé, porque ela é apenas aparência, não passa de um fingimento de Fé; uma Fé fingida ou, se quiser, imaginada, é o que se chama **sentimento religioso**.

Os sentimentos religiosos! Uma espécie de presente que os homens querem dar a Deus, pelo qual Deus deve se sentir muito agradecido; um fundo de benevolência que o homem sente por Deus; uma sorte de polidez, de bom tom, de bom gosto do homem em relação a Deus; sim, tudo que quiser neste gênero, que a pouco obrigue, que não atrapalhe, que se acomode, que se preste a tudo, e não se comprometa com coisa alguma: aí está o que geralmente se entende por sentimentos religiosos, mas isto não é a Fé. Assim como a aparência de Caridade pode nos iludir e nos entreter em vão, a aparência de Fé pode nos iludir e nos ilude muitas vezes e pode nos entreter e nos entretém amiúdo, em vão.

E como isto acontece? perguntará a senhora. A resposta é fácil. Um cristão, para agradar a Deus, deve fazer atos de Fé a toda hora. Na oração, na prática da vida cristã, na recepção dos sacramentos, o cristão deve ter como obrigação severa praticar a Fé, fazendo atos interiores para acompanhar muitos atos exteriores da vida cristã. Este é o dever.

Ora, o perigo, a decepção consiste em fazer atos da vida cristã não com Fé mas com aparência de Fé ou sentimentos religiosos.

A Fé é então substituída pelo sentimento, a realidade pela imaginação. Neste estado podem-se fazer muitas orações sem rezar, confessar-se sem querer se emendar, receber a Eucaristia sem se unir a Jesus Cristo.

Segundo o que ouvi dizer, tanto por um Bispo como por um missionário que percorreu toda a França e estudou atentamente o estado das almas, parece que hoje, sob muitos pontos de vista, fazemos apenas com a máscara da Fé o que deve ser feito com a Fé.

Isto ajudará a senhora a compreender e a poupará do sofrimento quando chegar o dia em que reconhecer que um bom número de cristãos, que se dizem devotos e praticantes, têm exatamente os mesmos vícios dos mundanos não praticantes. Eles praticam, ai de nós! mas a Fé não é o princípio de seus atos religiosos, eles são cristãos em imaginação, e na realidade viciosos como tantos outros.

O **sentimento religioso** é certamente um dom de Deus. É um bem, um bem de ordem natural. O sentimento religioso é a consequência natural de nossa qualidade de criaturas, como o respeito aos pais é natural nos filhos.

Digamos juntos: **Credo**.

SEXTA CARTA

QUAL A DIFERENÇA ENTRE FÉ E SENTIMENTO RELIGIOSO

A senhora leu com atenção minha carta anterior e pede-me para que eu a ajude a compreender bem a diferença que há entre Fé e sentimento religioso. A tarefa será fácil, desejo que meu trabalho lhe seja útil.

Lembre-se das breves palavras do Pe. Lacordaire: A Fé é a Fé.

O sentimento é assim o respeito que temos, como criaturas, por nosso Pai que está no Céu e que, unicamente porque nos criou, nos olha como filhos, nos dá o pão de cada dia, a luz de seu sol, os frutos da terra, a vida, a saúde, e mil outros bens igualmente da ordem natural.

O sentimento religioso sendo natural ao homem, se encontra em todos os homens fiéis ou infiéis; pois todos têm esse fundo comum de respeito a Deus, que algumas vezes se traduz por um ato religioso fundado sobre a verdade, como entre os cristãos; outras vezes por um ato religioso manchado de erros como entre os infiéis, os idólatras, etc.

Entre os povos, há alguns cujo sentimento religioso é naturalmente muito profundo, por exemplo os árabes. Um árabe não faltará à prece da manhã, à do meio dia e à da noite. Ao escutar o *muezzin* gritar do alto do *minarete* a fórmula sagrada: *La Allah, etc.*, imediatamente ele se põe a rezar, esteja na companhia de quem quer que seja, no lugar que for, no meio de uma praça ou no trabalho; quando chega a hora, ele reza. Por este mesmo sentimento religioso, o árabe relaciona tudo à vontade de Deus; os acidentes da vida, a saúde, a doença, mesmo a morte, ele relaciona com Deus e em todas as circunstâncias ele repete: *Deus é grande!* Eis o **sentimento religioso** em todo seu poder.

Mas lembre-se que nossa natureza decaiu com Adão, e uma natureza decaída só pode ter um sofrimento religioso também abatido pela decadência. A natureza não pode se elevar sozinha; o sentimento religioso puramente natural não pode, de modo algum, levar o homem a Deus nem tirá-lo do pecado.

Com toda a religiosidade natural, este mesmo árabe conservará todos os vícios que infelizmente lhe são também naturais: ele será vaidoso, mentiroso, ladrão; praticará, por exemplo, a hospitalidade, mas sabendo por onde seu hóspede vai passar, mandará alguém para o assaltar, ou irá ele mesmo fazer ao longe o que não faria estando em sua tenda.

Por este traço característico a senhora poderá reconhecer o sentimento natural; este sentimento nada vê, nada quer, nada pode contra o pecado. O sentimento religioso quando permanece em estado natural, é indiferente em matéria de religião. O sentimento religioso se acomoda a tudo, se arranja com tudo, se presta a tudo e não se entrega a nada. Perdão, pode entregar-se à maçonaria, ao menos quando os maçons reconhecem o *Grande Arquiteto*, como ele dizem.

Tendo mostrado o primeiro quadro, chego ao segundo.

- A Fé não é um sentimento, a Fé não é da ordem natural.

- A Fé é um assentimento de nosso espírito à verdade revelada por Deus. É um bem que não deriva de nossa natureza, mas lhe é dado para curá-la.

- A Fé é essencialmente purificante. *Fide purificans corda – Purificando pela Fé os corações.*(At. 15,9).

- A Fé esclarece o espírito e o despoja do erro; levanta o homem caído, recoloca-o no caminho de Deus: a Fé põe as bases da obra da salvação, encaminha o homem para o bem.

- A Fé é essencialmente fortificante. *Confortus fide*, diz São Paulo (Rom. 4,20). E ainda, *Fide stas*: se estás em pé, é pela Fé (id. 11,20).

- A Fé é vivificante: *o justo vive da Fé*, diz São Paulo (Gal. 3,11)

- Se o sentimento religioso nos deixa frios em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo, já não é assim com a Fé; pela Fé, Nosso Senhor Jesus Cristo se torna presente, vivo em nossos corações: *Christum habitare per fidem in cordibus vestris – Cristo habite pela Fé em vossos corações.* (Ef. 3,17).

- A Fé é o princípio de um mundo novo, regenerado em Jesus Cristo Nosso Senhor; a Fé é a luz que anuncia os esplendores da eternidade onde veremos Deus; a Fé é a mãe da santa Esperança e da divina Caridade.

- A Fé é sobre a terra, a fonte pura de todas as verdadeiras consolações. É ainda São Paulo quem nos diz: *Simul consolari per eam quae invicem est, fidem vestram atque meam* - Consolemo-nos juntos na Fé que nos é comum, a vós e a mim (Rom. 1,12).

Quando se fala da Fé, São Paulo é um mestre incomparável. Dele é que tomo uma última palavra para terminar esta carta: *Saluta eos qui nos amant in fide* - Saudai os que nos amam na Fé.

Digamos juntos: **Credo.**

SÉTIMA CARTA

COMO A FÉ DESENVOLVE A RAZÃO

Deus nos deu os sentidos, a razão e a fé. Pelos sentidos nós entramos em contato com as coisas sensíveis, que Lhes são proporcionadas; pela razão atingimos coisas superiores aos sentidos, coisas intelectuais; mas pela fé, Deus nos dá o modo de atingirmos, por um conhecimento mais elevado, as coisas divinas e o próprio Deus.

A razão criada por Deus, para Deus mesmo, só encontrará repouso em Deus, verdade primeira; a razão tem pois uma necessidade inata de Deus e o procuraria naturalmente se o homem não tivesse pecado, assim enfraquecendo-se, inclinando-se na maior parte das vezes, prendendo-se às coisas sensíveis.

A fé que Deus nos deu repara, ao menos em parte, a doença original da razão humana. Restaurando, retificando, fortalecendo a razão, faz com que ela atinja uma ordem de conhecimento que nunca poderia abordar: a ordem do conhecimento sobrenatural, ou das verdades reveladas por Deus.

É a fé que nos faz acreditar nas coisas invisíveis, diz São Paulo. Estas coisas invisíveis são parte daquilo que Deus conhece. Ele se revelou por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os apóstolos e, depois deles, a Igreja, nos transmitem a própria palavra de Deus; e por uma graça que chamamos o dom da fé recebemos esta palavra e nos convencemos de que esta palavra é a verdade.

O homem que não tem fé, só conhece na medida de seus sentimentos e de sua razão; o homem que possui a fé vai mais longe: percebe o insensível, atinge o invisível; em certa medida, entra na participação da ciência e da razão de Deus.

Então faz-se em sua alma uma nova luz, superior a qualquer luz natural; e em virtude de sua superioridade, essa luz se torna reguladora das luzes interiores que são a razão e os sentidos.

Assim tudo se subordina à fé, tudo entra na ordem sobrenatural; o olhar de nossos olhos, os pensamentos de nosso espírito, acharam leis que os salvaguardam, os preservam dos embates, os dirigem ao bem, leis que os fazem atingir o próprio Deus.

Nesta luz superior o homem de fé sente-se bem, é feliz: goza da verdade, ao menos tanto quanto é possível à criatura na vida presente. Para um homem de fé, diz São Jerônimo, o mundo inteiro é um grande tesouro. Como assim? Porque dominando todas as coisas e percebendo-as sob um novo dia que é o dia da fé, o homem reconhece em tudo a obra de Deus; reconhece em tudo a vontade de Deus. Debajo de todas as coisas o homem encontra a vontade de Deus, boa, bela, perfeita. E nela o homem se alegra.

Mesmo as coisas sensíveis vistas nesta luz são para o homem de fé um grande tesouro. Como o fiel é mais rico quando seu espírito repousa nos bens espirituais, nos *invisíveis de Deus* - como diz São Paulo.

É preciso ser um São Paulo para falar dignamente destas riquezas de nossa fé; eu por mim, me limitarei a mostrar em ação, uma fé prática dotada destes bens invisíveis de Deus.

A senhora mora em uma cidade. Qual é, na sua opinião, o lugar que lhe parece o mais importante da localidade? Qual é o personagem que é, a seus olhos, realmente maior entre todos os que moram no lugar? A tal questão, quantos responderiam dando o nome de um monumento, de um senhor ou uma senhora? Quem sabe?

O homem de fé iria mais longe e diria imediatamente: Nosso Senhor Jesus Cristo presente no Santíssimo Sacramento. Eis a verdadeira sabedoria, a verdadeira grandeza. Os olhos não vêem nada disso, é verdade; a razão humana não a alcança, é também verdade; mas Deus nos deu a fé precisamente para nos tornar atentos ao que nossos olhos não vêem. É a fé que nos faz acreditar nas coisas invisíveis, diz São Paulo.

Entre as coisas invisíveis, naturalmente depois de Deus, temos de contar as almas. O homem de fé está atento às almas. Para os outros, um homem é apenas um corpo. Depois das almas, ou melhor, junto com as almas, o homem de fé considera o estado da alma: a graça ou o pecado, seu mérito diante de Deus, seu presente e seu futuro. Ele é solícito para com as almas; trata dos seus interesses, com Deus todos os dias, e sempre que pode, com elas mesmo.

E é por tais atos que a fé se revela, que a fé cresce, que a fé nos leva a Deus.

Digamos juntos: **Credo**.

OITAVA CARTA

A INTEGRIDADE DA FÉ

A fé opera no cristão uma renovação sobrenatural, eleva a alma às coisas celestes e, como diz São Leão, dá à alma impulso em direção ao bem incorruptível, em direção à verdadeira luz, quer dizer, em direção ao próprio Deus.

Mas para que a fé produza no cristão a operação que lhe é própria, é preciso que seja pura, que seja íntegra.

Ora, a fé em sua pureza, em sua integridade, é uma fé rara. *Magnum est*, dizia Santo Agostinho, *Magnum est in ipsa intus catholica, integram habere fidem*. Traduzindo: Mesmo dentro da Igreja, é uma grande coisa haver uma fé íntegra.

Para bem compreender, é preciso que se lembre o que dissemos sobre o nascimento da fé em nossas almas. É preciso, para que a fé nasça e se desenvolva, o dom de Deus e a palavra do catequista ou a instrução.



O dom de Deus é sempre puro, mas a palavra do catequista pode trazer com ela a verdade que vem de Deus ou o erro que vem do homem.

Suponhamos uma criança batizada vivendo numa sociedade separada da Igreja católica. O batismo que recebeu fez da criança um filho de Deus, pôs-lhe na alma a graça habitual; a criança cresce e recebe uma instrução manchada de heresia, aceita a heresia crendo aceitar a fé, é enganado... No dia em que perceber qual é a verdadeira fé católica, ou bem repudiará a heresia ou bem rejeitará a verdade, tornando-se ou decididamente católico ou formalmente herético. No primeiro caso terá perdido a heresia que lhe tinham ensinado e conservado a fé que Deus pôs em seu coração no dia do batismo. É importante que uma criança batizada não receba lições de um mestre que a faça perder a fé.

Mas nós estamos em plena Igreja Católica, me dirá a senhora. É justamente por isso que ensino com Santo Agostinho: é muito importante ter a fé em toda sua integridade.

Explico-me. A fé está no mundo, Deus a colocou no mundo para nossa salvação. Mas o erro também está no mundo, semeado pelo diabo para nossa perda.

A fé, em sua integridade, é uma fé que está ao abrigo de todos os erros, de todos os preconceitos, de todas as opiniões vãs que correm mundo, que enchem os espíritos, que perdem as almas.

Ora, é bom lhe dizer, se é que ainda não notou, que todo espírito manchado pelo erro tem sempre mais zelo por seu erro do que os homens comumente têm pela verdade. É um fato que salta aos olhos; e a razão disso é que, vindo a verdade de Deus e o erro vindo do homem, é mais fácil para o homem seguir o erro fabricado por ele mesmo que a verdade que é feita por Deus.

Daí se segue que, como há homens que trazem em seu espírito um erro, uma falsidade, um preconceito, uma opinião vã, também haverá "missionários" (perdoai-me o emprego desta palavra em tal matéria) que trabalharão para fazer entrar no espírito dos fiéis alguns desses erros que atacarão com furor a fé inteira e abalarão sua integridade.

Ora é grande atualmente, o número desses missionários às avessas. Eles falam alto e em quase toda parte. E como se isso não bastasse, esses homens comandam a imprensa e a mantêm. É para esses que os jornais trabalham.

Todos os dias é feito pelo mundo um terrível trabalho de perversão dos espíritos. Ora atacam um dogma, ora outro. Aqui acreditam ter demonstrado que a fé no mistério da Santíssima Trindade é um absurdo; lá acreditam que arruinaram o mistério da Encarnação e a fé na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo; mais adiante atacarão a Igreja, seus sacramentos, sua disciplina, seu culto, darão a tudo isso um ar bem pensante, lastimarão os espíritos atrasados e convidarão as almas a entrar nas vias do progresso. Resistirá

a fé no meio desse perigos que rondam por toda parte e se apresentam, cada dia, sob as mais diversas formas? Se a fé resistir, será maravilhoso. Se lhe for dado ver este espetáculo, bendiga a Deus; e a vista de todas as ruínas que poderá constatar ao redor de tal acontecimento, a senhora compreenderá a verdade da palavra de Santo Agostinho: *É uma coisa rara, mesmo no seio da Igreja Católica, haver a fé em sua integridade.*

Digamos juntos: **Credo.**

NONA CARTA

A FÉ SEM AS OBRAS, E AS OBRAS SEM A FÉ

Houve outrora, no berço do cristianismo, em Roma, uma disputa muito viva sobre a fé e as obras. Uns diziam: a fé é suficiente; outros: as obras, as obras, é o necessário!

Se um belo dia estivéssemos no jardim de sua casa e submetêssemos a seus filhos uma pergunta análoga: meninos, digam o que acham, o que é mais necessário: as maçãs ou a macieira? Os meninos certamente nos diriam que bastam as maçãs. Mas os mais velhos, compreendendo que sem as macieiras não haveria maçãs, responderiam: o que é preciso são as macieiras com as maçãs. E com efeito, é impossível haver maçãs sem macieiras, e macieiras sem maçãs são inúteis.

Deixando o apólogo, diremos que a fé é a árvore indispensável para haver os frutos da salvação e que os frutos que se pode colher sem a fé, não serão frutos de salvação.

São Gregório Magno disse numa palavra: *Nec fides sine operibus, nec opera adjuvant sine fide.* Quer dizer: A fé sem as obras ou as obras sem a fé, de nada valem.

A fé é, para o cristão, a raiz da salvação e de toda obra que leva à salvação. A santa esperança e a caridade divina vêm dar ao fruto ou à obra o gosto, o sabor, a doçura, o mérito; mas sem a fé não há mérito, nem doçura, nem sabor, nem gosto, nem fruto, nem obra que seja útil à salvação.

Guarde bem esse primeiro princípio. Eis um outro que deste decorre incontestavelmente: a medida da fé é a medida do mérito da obra. Sei bem que a última palavra, o mérito do cristão, pertence à caridade; mas a caridade é filha da fé, filha que pode crescer com sua mãe de modo que, no final das contas, o cristão deve ter a fé como medida de todas as coisas. Nosso Senhor dizia com este pensamento: «*Vossa fé vos salvou!*».



Isto posto, vamos dar uma volta por esse mundo e procurar um pouco por onde anda a fé, onde estão as obras, filhas da fé.

E para começar, já notou muitas vezes, que nosso século é o século das obras? Nunca, nunca se viu surgir tantas obras, com tal exuberância.

Mas será na mesma proporção um século de fé? Ai de nós! É preciso que se diga quanto a fé é rara em nossos dias.

De uma árvore singularmente enfraquecida, vemos surgir uma quantidade de frutos que nos encantariam se pudéssemos esquecer o estado de sua alma. As obras surgem e crescem sempre, e ao mesmo tempo somos obrigados a convir que a fé está morrendo. Não haverá nisto umas espécie de contradição? A contradição é apenas aparente. As obras da salvação, dissemos, nascem da fé; mas as obras que se parecem com as obras da salvação, podem nascer de um outro princípio que não seja a fé.

E então que dizer? De duas uma: ou as obras nascidas de um princípio que não é a fé serão úteis para outra coisa que não as almas, e assim não terão nada a ver com Deus; ou essas obras não subsistirão e perecerão.

Nascidos de outro princípio que não seja a fé, criações da inteligência ou da imaginação, as obras que não são alimentadas pelo suco vivificante da fé, o único que vivifica, vivem da habilidade do homem ou de seu dinheiro ou de seu crédito. Essas obras não salvam os homens e são, diante de Deus, árvores estéreis; o tempo virá com seu machado para abatê-las, não faltará.

A Igreja, que é obra de Deus, permanece e permanecerá porque guarda e guardará a fé. Nós, filhos de Deus e da Igreja só permanecemos e permaneceremos, nós e nossas obras, na medida de nossa fé.

Se todas as obras que hoje pululam em volta de nós tivessem tanto ardor em vivificar a árvore da fé quanto para produzir frutos, certamente veríamos maravilhas. Mas infelizmente, falta a fé e não falta quem queira recolher os frutos da fé antes de havê-la semeado. Neste sentido, caminha-se a passos largos, porém à margem do caminho. *Magnum passus, sed extra viam*, dizia Santo Agostinho.

Digamos juntos: **Credo**.

DÉCIMA CARTA

AS DEVOÇÕES SEM A FÉ

A fé, que para o cristão é o princípio único das obras salutares, é igualmente o princípio da devoção e mesmo, se quiser, das devoções quando a devoção e as devoções são realmente salutares.

Vimos que muitas obras podem nascer ao lado da fé, mas que não são por si só, úteis à salvação. É isto exatamente o que se passa com a devoção e as devoções. Elas podem nascer, se desenvolverem e crescerem, até mesmo de modo prodigioso, paralelas à fé e no entanto serem inúteis para a salvação eterna dos homens.

Certamente gostará de ouvir o que li sobre este assunto no «Année Dominicaine» sob a assinatura do padre Vicent Maumus:

- «A prática da devoção sem o conhecimento de Deus, é o grande obstáculo para o progresso das almas. As almas são pouco esclarecidas, primeiro porque se tem poucas luzes, em seguida porque se taxa facilmente de curiosidade vã uma ciência que não se aprecia. As almas são pois pouco esclarecidas ao mesmo tempo que são cumuladas de práticas de devoção multiplicadas ao infinito; são envolvidas em todas as espécies de confrarias; são levadas a crer, como último esforço de piedade católica, na propaganda ativa de certas devoções cuja corrente, se não for freada, ameaça sufocar o amplo espírito cristão».

«Que são hoje os livros de piedade? Pondo à parte algumas raras exceções, não passam de tratados superficiais que só se dirigem à imaginação e à prática exterior de tais ou quais devoções da moda. Há alguns anos um grande bispo se lamentava pela profusão com que se espalhou esse tipo de livro, e Bossuet já dizia: Não compreendo mais nada dos diretores».

A senhora, lendo esta citação com grande atenção, sente todo seu peso. Parece mesmo que daqui a pouco lembrar o que disse Joseph de Maistre: «Deus abençoe a partícula SE!»

De boa vontade aceitarei com a senhora essa desejável benção e terminarei aqui esta carta.

Digamos juntos: **Credo**.

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA

A FÉ E A CIÊNCIA

Como a senhora sabe, o homem nasce ignorante. E só sai da ignorância com dificuldade. O homem custa a aprender e quanto mais elevada a ciência que queremos adquirir, mais ela nos custa. O mal é tanto que não só temos dificuldades em aprender, como muitas vezes sentimos repugnância infeliz pelo estudo, repugnância que nos faria sentir uma espécie de tranqüilidade, uma felicidade estúpida por não saber nada.

E, no entanto, não é a ignorância em si que nos agrada. O que nos agrada é o fato de não precisarmos fazer o esforço necessário para chegar à ciência.

Nós cristãos, conhecemos a causa de tão lamentável estado, pois a fé nos indica ser este um dos efeitos do pecado original.

Quando Deus, pelo batismo, apaga em nós o pecado original, Ele nos dá a fé e com a fé a necessidade de conhecer as verdades cristãs e a inclinação para recebê-las e guardá-las.

Essa necessidade das almas não é coisa para ser negligenciada. Para isso a Igreja tem o catecismo. Mas, infelizmente, as lições duram pouco e são facilmente esquecidas. A educação cristã é muito relaxada nas escolas, quando não é totalmente desprezada. Disso resulta que os cristãos, geralmente, não são suficientemente instruídos naquilo que, no entanto, teriam a maior necessidade de conhecer a fim de conservar a fé, praticá-la fielmente e guardá-la até o fim de sua vida. Este é mais ou menos o estado geral dos cristãos cujos estudos terminaram na escola primária.

Mas nós temos escolas secundárias, escolas superiores, até mesmo universidades. Se a ciência está em algum lugar, é nestes lugares que deveria estar.

A propósito da ciência, gostaria de lhe chamar a atenção sobre um fenômeno que não se leva em conta, no que entretanto se comete um grande erro. A chama da fé estando acesa no mundo e tendo sido acesa pela mão de Deus, é por isso mesmo inextinguível, ela brilha apesar de tudo. Todos sabem disso e é por causa do anseio pelo conhecimento depositado em nós pela fé, no batismo, que se realiza um trabalho interior naqueles que têm amor pela ciência, que os impele a grandiosas vitórias sobre a ignorância. Eles têm necessidade de saber.

Nós diremos que isto é um efeito da fé: e é o fenômeno mais claro e mais escondido que existe. Prestem atenção: em nenhum outro lugar, senão onde há a fé, os espíritos trabalham pela ciência. Todos os batizados recebem o estímulo divino e entre os homens de ciência, o ponto de partida é a fé. Mas alguns a conservam, outros a perdem. Os espíritos, desde o princípio tomam caminhos diferentes, apesar de terem recebido, uns e outros, o dom da fé, a energia do desejo, que os leva à ciência. [Um famoso ímpio de nosso tempo reconheceu a verdade do que enunciamos: *Para combater eficientemente uma religião, é preciso praticá-la*. Traduzimos: Não serás nunca um verdadeiro ímpio se não tiverdes sido batizado. De fato, os judeus não conseguem sê-lo. A respeito da expressão "uma religião", notemos que nossos cientistas nunca combateram nem o islamismo, nem o budismo, nem o bramanismo, nem mesmo o fetichismo, porque não são nada. Mas combatem a religião Católica porque aí se encontra a fé, a verdade divina, à qual viraram as costas. «*Ipsi fuerunt rebelles luminis – Eles se rebelaram contra a luz*» Jó XXIV, 13] nota do autor.

Por uma conseqüência lógica, a ciência tenderá para um fim duplo, de acordo com o fato dos espíritos terem ou não guardado a fé. E talvez nunca se tenha sido capaz de constatar tão claramente esta bifurcação na direção seguida pela ciência como em nossos dias. Hoje existe uma ciência que quer crer. Com isto ela caminha na verdade, segundo Deus e segundo a lei imutável do desenvolvimento do espírito humano. Há uma ciência que não quer crer. Ela fará tudo para se manter numa negativa, que no entanto não é nada científica: não crer.

De cada um dos dois lados vemos espíritos muito ativos, ardentes, desejosos de chegar ao fim. De cada lado vemos escolas e trabalhos sérios e uma emulação que seria igualmente louvável se o fim visado fosse

igualmente legítimo. É preciso dizer: a ciência que caminha contra a fé tem hoje a palavra mais alta. Esta ciência possui mil apoios no mundo exterior. Forte em seus alicerces, sua aspiração é apagar a chama divina da fé.

Mas nisso tudo não há nada de novo. Lemos no mais antigo livro do mundo que os homens um dia disseram uns para os outros: Metamo-nos à obra e construamos uma torre que se eleve até o Céu. E eles se puseram à obra e construíram uma torre, mas não escalaram o Céu.

Os homens de hoje dizem o mesmo: À obra! elevemos o edifício da ciência e escalaremos a fé! Eles trabalham e o edifício que constroem, como o de seus ancestrais, se chamará Babel.

O homem não criou a luz; no dia em que o homem pensar que provou que a luz é treva, Deus gritar-lhe-á: infeliz! chamá-lo-á a julgamento e continuará a derramar nas almas a luz da fé.

A ciência que trabalha contra a fé não alcançará seu fim. Esta ciência não prevalecerá como ciência; ela acabará por se evaporar, diz a Escritura. A ciência será salva pelos homens de fé; estes homens têm o grande dever de avançar na ciência e na fé.

Tal é o espetáculo que hoje nos oferece o mundo. Aqui a ignorância, infelizmente, é o quinhão da maioria. Lá a fé, e onde está a fé, está a ciência, fiel em alguns, infiel em outros; de um lado estudando para lutar contra a fé, contra o próprio Deus, de outro lado trabalhando para derrubar, como São Paulo, tudo o que pretende se elevar contra Deus.

A batalha começou, a luta é renitente; e ainda que Deus deva permanecer vitorioso em toda parte e sempre, desejamos que os fiéis não estejam nunca atrasados. À obra! diremos, porque aqueles que perderam a fé trabalham por Babel; nós que cremos edifiquemos Jerusalém.

Credo.

DÉCIMA SEGUNDA CARTA

DA NECESSIDADE DE TER UMA FÉ ESCLARECIDA

O apóstolo São Pedro, escrevendo aos primeiros fiéis e por eles instruindo os fiéis de todos os tempos, dizia: *«Ficai sempre prontos a responder em defesa da religião a quem quer que lhes pergunte qual a razão da esperança que está em vós».*

O que traduzimos por *responder em defesa da religião*, está expresso em uma só palavra no texto de São Pedro. Ele diz ao pé da letra: *apologia*: *«Estejam sempre prontos para a apologia»*; quer dizer, segundo as solenes instruções de São Pedro, o santo Papa, todo cristão deve estar sempre preparado para a *apologia*, para a defesa da fé, contra quem quer que lhe pergunte a razão da esperança que ele traz consigo.

É preciso pesar bem os termos de São Pedro: *estar sempre preparado contra quem quer que seja*. Evidentemente para estar assim sempre pronto contra quem quer que seja, é preciso uma dose de instrução cristã, que hoje não é comum entre os cristãos.

Mas temendo estar sendo exagerado em alguma coisa, dou a palavra a um intérprete que não se pode recusar: (Estius, Comm. in Cap... III Epist. I B. Pet.). Traduzo:

«Este é o pensamento de São Pedro: Já que os infiéis chamam vã a esperança que tendes em Jesus Cristo numa vida futura e numa glória eterna, advirto-vos de que devem ter sempre pronta uma resposta pela qual possais mostrar que vossa fé e vossa esperança se apóiam em razões sólidas, seja para o caso de confrontar um contraditor ou simplesmente um homem desejoso de se instruir, que vos pergunte porque desprezais os bens da vida presente e sofreis tantos males nesta terra.

No entanto não é preciso entender com isso, que São Pedro exija que todos os cristãos sejam teólogos capazes de dissertar sobre os dogmas da fé, quer como doutores quer como apologetas. São Pedro só exige uma coisa: que se possa responder e satisfazer, segundo sua capacidade, a quem o interroga e lhe pergunte a razão daquilo que crê e espera como cristão.

Há, com efeito, razões gerais pelas quais todo cristão pode sempre se defender contra os pagãos e responder a quem o interroga; por exemplo: que a religião cristã foi anunciada pelos profetas; que foi confirmada pelos inúmeros milagres operados por Cristo e pelos apóstolos; que ensina a justiça, a inocência e a caridade levada até ao amor dos inimigos; que é religião muito casta. Ou ainda: que o mundo é governado pela providência de um Deus único, providência que no fim faz com que cada um receba segundo suas obras; que nada é impossível a Deus; que não é de espantar se nossa fé e nossa esperança ultrapassam a inteligência humana, já que na própria natureza há tantas coisas nas quais nosso espírito não poderá penetrar.

Do mesmo modo, há boas razões e argumentos gerais que são como que primeiros princípios, sobre os quais os fiéis precisam ser instruídos (instruídos por seus párocos) para responder aos heréticos que atacam a fé católica, ou que querem discutir sobre ela. Estes princípios são: que a Igreja de Cristo é uma; que ela é visível e manifesta; que ela continuou até nós depois dos apóstolos pela sucessão dos bispos; que ela teve no seio grande número de santos mártires e confessores que em diversas épocas confirmaram e selaram a fé católica por suas doutrinas e milagres; que a Escritura nos manda escutar esta Igreja que é a coluna e a base da verdade.

É neste sentido que São João instrui os fiéis, no capítulo IV de sua primeira Epístola. Depois de ter dito: Examinai os espíritos, para saber se são de Deus, São João lhes prescreve este mesmo método geral para testar a fé quando diz: Quem conhece Deus nos ouve, quer dizer, ouve aos apóstolos e seus sucessores; Quem não é de Deus não nos ouve. É nisto que reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro».



Nosso comentador acrescenta: *«Não obstante é muito conveniente que os fiéis possuam, segundo a capacidade de cada um, as razões mais particulares e as provas especiais, a fim de poder responder a quem quer que seja».*

A palavra de São Pedro e as explicações de nosso comentador far-lhe-ão ver bem o que deve ser a fé dos cristãos.

Nós só temos ainda uma palavra para dizer, que será a prece dos apóstolos a Nosso Senhor: *Adauge nobis fidem! – Senhor aumentai-nos a fé!* (Luc.XVII,53)

Digamos juntos: **Credo.**